

---

## Leituras (Eco)Fenomenológicas da Crise Climática

---

### *(Eco)Phenomenological Readings of the Climate Crisis*

---

DOI: 10.12957/ek.2024.89240

**André Luís Fonseca Macedo<sup>1</sup>**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

*andreluisfonk@hotmail.com*

**Carlos Eduardo Shimoda<sup>2</sup>**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

*carlos.shimoda@yahoo.com*

#### **RESUMO**

Diante do constante processo de degradação ambiental e intensificação dos fenômenos climáticos extremos, é fundamental refletir sobre os fundamentos ontológicos, existenciais e fenomenológicos da crise climática, repensando nossas atitudes cotidianas como ser-no-mundo e buscando encontrar caminhos sustentáveis de coexistência harmoniosa com a natureza. Este artigo se propõe a explorar uma leitura ecofenomenológica da crise climática, fundamentada na fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger e nos saberes dos Povos Originários da Terra (povos indígenas), ressaltando elementos pertinentes para uma fundamentação eco-ontológica da crise climática enquanto situação-limite do adoecimento da Terra, articulando uma compreensão da inter-relação entre o adoecimento humano e a desertificação do planeta. A partir de uma leitura ecofenomenológica, enquanto modo específico de se pensar como a presença humana participa da natureza da qual faz parte, buscou-se explorar como os saberes dos Povos Originários possibilitam a realização de uma compreensão holística deste processo de adoecimento coletivo. O artigo também aborda como os marcadores sociais da diferença afetam a experiência dos indivíduos e suas possibilidades de existência, e inspirado por Heidegger, se propõe um habitar poeticamente a Terra, valorizando a contemplação e a reverência à natureza, desafiando o antropocentrismo e a tecnocracia, como caminho de promoção de sustentabilidade e cuidado ambiental.

#### **Palavras-chave**

Fenomenologia Hermenêutica. Ecofenomenologia. Crise Climática. Situação-Limite. Povos Originários.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Psicologia Clínica pela PUC-SP (bolsista CAPES), no Núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica.

<sup>2</sup> Doutorando em Psicologia Clínica pela PUC-SP, no Núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica.

## ABSTRACT

In the face of the constant process of environmental degradation and intensification of extreme weather phenomena, it is essential to reflect on the ontological, existential and phenomenological foundations of the climate crisis, rethinking our daily attitudes as being-in-the-world and seeking to find sustainable paths of harmonious coexistence with nature. This article aims to explore an ecophenomenological reading of the climate crisis, based on Martin Heidegger's hermeneutic phenomenology and the knowledge of native people (indigenous people), highlighting relevant elements for an (eco)ontological foundation of the climate crisis as an extreme situation of the Earth's illness, articulating an understanding of the interrelationship between human illness and the planet's desertification. From an ecophenomenological reading, as a specific way of thinking about how human presence participates in nature, we sought to explore how the knowledge of native people enables the realization of a holistic understanding of this process of collective illness. The article addresses how the social markers of difference affect the experience of individuals and their possibilities of existence, and inspired by Heidegger, it's proposed a poetic inhabitation on Earth, valuing contemplation and reverence for nature, challenging anthropocentrism and technocracy, as a path of promoting sustainability and environmental care.

## Keywords

Hermeneutic Phenomenology. Ecophenomenology. Climate Crisis. Extreme Situation. Indigenous People.

## 1 INTRODUÇÃO

A mudança climática é um dos desafios mais urgentes e complexos do século XXI, não somente por impactar a qualidade de vida dos seres que habitam este planeta, mas, em última instância, por colocar em risco toda e qualquer possibilidade de vida num futuro não tão distante, exigindo assim reflexões que vão além das abordagens técnicas e científicas tradicionais (IPCC, 2021).

Apesar do termo "mudança climática" ser mais neutro e comumente usado para estudos e descrições técnicas no meio científico, representando o resultado de um conjunto de mudanças ambientais em escala global, impulsionadas pela atividade humana, e que incluem o aumento da temperatura global, alterações nos padrões climáticos e perda de biodiversidade (IPCC, 2021), autores como Ripple et al. (2022) compreendem esse fenômeno muito mais como uma "crise climática" e, dessa forma, têm optado pelo uso deste termo para chamar atenção à urgência do problema. Assim, a escolha entre os termos "mudança climática" e "crise climática" depende do contexto e da intenção comunicativa, embora ambos sejam amplamente usados para descrever alterações significativas no clima global devido à atividade humana.

De qualquer forma, não é preciso muito esforço para percebermos que vivemos num período de emergência climática global, e apesar de muitos não agirem em conformidade com tal estado de criticidade, num cenário onde a falta de engajamento das instituições governamentais e do próprio sistema econômico mundial tem apenas mantido as condições de perpetuação de um caminho que nos conduz a uma autodestruição, adotar um tom de emergência ao falar da crise climática nos parece apropriado.

Portanto, diante do constante processo de degradação ambiental e intensificação dos fenômenos climáticos extremos, é fundamental refletir sobre os fundamentos ontológicos, existenciais e fenomenológicos da crise climática, repensando nossas atitudes cotidianas como ser-no-mundo e buscando encontrar caminhos sustentáveis de coexistência harmoniosa com a natureza.

Diante disso, a ecofenomenologia, abordagem nascida nas reflexões da Filosofia Ambiental (Brown & Toadvine, 2003), se propõe a investigar as questões ambientais dentro de uma perspectiva fenomenológica, onde se desloca a compreensão técnica de natureza enquanto recurso para a compreensão da relação íntima, co-originária e co-existente, entre presença (*Dasein*)<sup>3</sup> e os modos de Ser da natureza. E se através da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger há um resgate da questão do Ser (ontologia), também nesse movimento de resgate se resguardam e renovam as potências da natureza humana, como traço indelével de cuidado do Ser (Heidegger, 2011).

A ecofenomenologia, desse modo, se configura enquanto um modo específico de se pensar como a presença humana participa da natureza da qual faz parte, não como um sujeito apartado de seu objeto de estudo, mas radicalmente pensando o modo como a própria presença humana coletiva participa dos modos de Ser possíveis da natureza, a partir das especificidades históricas, filosóficas e culturais de cada povo. Nesse aspecto, o encontro da fenomenologia hermenêutica de Heidegger com a Filosofia Ambiental

---

<sup>3</sup> Por uma escolha propositiva, adotamos aqui e em todo o trabalho a tradução de *dasein* por presença, compreendendo uma dimensão de entendimento claro acerca desta noção heideggeriana que permeia o campo da *dasein* análise e da fenomenologia hermenêutica como um todo. Sobre as justificativas para tal escolha, consultar o prefácio da obra *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger (2011), escrito pela tradutora Marcia Sá Cavalcante Schuback, intitulado “A Perplexidade da Presença”. Para a proposta do presente trabalho, nos cabe apontar introdutoriamente a necessidade de vermos com exatidão o modo como os humanos naturalmente habitam a natureza: Participando do acontecimento de Ser, compreendendo-o. Este traço fundamental da condição humana, se expressa de maneira mais nítida ao leitor comum com a palavra presença, ao contrário de ser-aí. Também se tornam mais evidentes as conexões entre a presença com o desvelamento de Ser (*Aletheia*) e o cuidado (*Sorge*). Por uma questão de compreensão na leitura, foram alteradas as traduções em citações de *dasein* para presença.

retoma questões ontológicas para o modo como as comunidades humanas habitam a Terra e participam ativamente de Ser.

O presente trabalho se propõe então a introduzir elementos da fenomenologia hermenêutica de Heidegger pertinentes para uma fundamentação eco-ontológica da crise climática enquanto situação-limite do adoecimento da Terra, ou seja, como uma situação extrema e inconciliável, perante a qual, de acordo com Heidegger (2008), "dão-se reações, modos determinados nos quais o homem procura se haver e encontrar um suporte" (p.22), mas que ao mesmo tempo se apresentam como pontos de viragem para o autoconhecimento e uma aproximação com a totalidade da vida, possibilitando reestruturar e redirecionar nossos modos de vida sustentados num individualismo para um enfoque cada vez mais pautado na responsabilidade com o todo. Nesse sentido, buscase também uma compreensão da inter-relação entre o adoecimento humano e a desertificação do planeta, representada por uma perda de significado, enraizamento e conexão da presença com o Ser (Heidegger, 1999).

Nesse contexto, uma eco-ontologia se apresenta como compreensão de que a ecofenomenologia se realiza a partir de uma leitura ontológica dos fenômenos, entre a relação da presença humana com o acontecimento de Ser da natureza (physis). Ontologia aqui, deve ser compreendida como o exercício de compreensão das condições de possibilidade de algo ser como é (Claborn, 2012). Essas condições ontológicas são históricas e dependem de como a presença humana se relaciona com os demais entes, sendo que a história de um povo resguarda esses modos diversos de desvelamento (Aletheia) de Ser (Heidegger, 2015).

A conexão entre saberes diversos se faz necessária para a realização de uma compreensão holística deste processo de adoecimento coletivo, e justamente a fenomenologia hermenêutica nos oferece um caminho muito pertinente para esta compreensão: a presença humana participa relacionalmente do acontecimento de Ser, como identifica Schuback (2011), a presença possui uma "estrutura radicalmente relacional. Isso significa: é a partir das relações que o homem e as coisas se definem" (p. 19).

Desta forma, se percebe a existência de um nexos vital histórico, compreendido enquanto abandono do Ser, que marca não só a relação exploradora da presença com a natureza, mas que também adocece a própria presença humana coletiva na Terra, a partir

do movimento de abandono do Ser à técnica (Heidegger, 2012). O abandono do Ser não representa apenas uma questão filosófica abstrata, que expressa a condição na qual Ser é esquecido ou negligenciado, mas, de acordo com Heidegger (2012, 2015), possui implicações profundas para a existência humana e dos demais entes, pois resulta em um mundo marcado por uma perda de sentido e dominação técnica, onde a relação poética e autêntica em Ser é obscurecida.

E através dessa problemática do abandono do Ser, se torna primordial buscarmos novos recursos que nos permitam pensar o processo saúde-doença para além de um modelo técnico e individualizante que fundamenta sua compreensão no campo biomédico, analisando em confluência com a ecofenomenologia a situação-limite da crise climática e alternativas de cuidado a este processo de adoecimento coletivo, de forma holística e multidimensional, como a compreensão do aspecto histórico e ontológico desta crise.

A nível ético, a condição humana enquanto cuidado de Ser faz com que seu papel redobre no enfrentamento do adoecimento do planeta, não só por este ser fruto do adoecimento coletivo da presença humana, mas também pela própria humanidade ser o único ente que pode compreender o sentido deste processo de adoecimento para poder atuar intencionalmente em sua raiz. Neste aspecto, o presente trabalho não apenas se nutre da fenomenologia hermenêutica, mas também se permite ao diálogo com os saberes dos Povos Originários da Terra, por entender que a situação-limite da crise climática precisa ser abordada de maneira holística, ou seja, na múltipla dimensão que constitui este problema.

E nesse sentido, adotaremos como referência de Povos Originários da Terra os povos indígenas, historicamente oprimidos e marginalizados, apesar de terem sido os primeiros habitantes de seus territórios, que possuem uma conexão espiritual, cultural e histórica com o lugar onde vivem, com o desenvolvimento de culturas e práticas próprias em equilíbrio com o meio ambiente. Também reconhecidos internacionalmente por sua resistência e luta por direitos, esses povos representam a diversidade cultural, a tentativa incansável de proteção ao meio ambiente e o legado humano em sua forma mais ancestral (ONU, 2008).

Os saberes dos Povos Originários da Terra, fundamentam uma abordagem do fenômeno da crise climática como uma deficiência mental-espiritual (Castro, 2020) da

presença humana civilizada, que conduz à queda do céu, termo que simboliza ao povo indígena Yanomami o colapso do equilíbrio cósmico e ecológico que sustenta a vida na Terra (Kopenawa & Albert, 2020). Porém, mais do que uma expressão metafórica, esta compreensão do Xamã Davi Kopenawa busca expressar que:

A queda do céu é um acontecimento científico incontestável, que levará, suspeito, alguns anos para ser devidamente assimilado pela comunidade antropológica. Mas espero que todos os seus leitores saibam identificar de imediato o acontecimento político e espiritual muito mais amplo, e de muito grave significação, que ele representa (Castro, 2020. p. 15).

Assim, uma intersecção entre fenomenologia hermenêutica e os saberes dos Povos Originários da Terra se faz necessária para a realização de uma leitura ecofenomenológica da crise climática, por compreendermos que estes povos, enraizados numa ética relacional pautada em saberes voltados para o Ser e para o cuidado com a vida, em oposição aos saberes voltados para o ter e à exploração técnica, compõem perspectivas para além do abandono do Ser que fundamenta nossa presença enquanto civilizados.

Através dessa interseccionalidade dos saberes dos Povos Originários da Terra, podemos ver, por exemplo, que a queda do céu está relacionada com o modo civilizado de habitar a Terra, a um nível exploratório da presença, pautada numa relação extrativista e que reflete a alienação do homem em relação à natureza (Kopenawa & Albert, 2020).

Heidegger (1999) descreve esse modo da civilização habitar a Terra como uma desertificação em virtude do Ser que é abandonado pela presença, onde a técnica moderna transforma a natureza em dis-ponibilidade (Bestand), ou seja, algo que está à disposição do homem para exploração e domínio, num processo de afastamento em relação ao Ser, visto assim como uma desertificação no sentido existencial e espiritual, exaurindo a relação autêntica entre ser humano e natureza.

## **2 ECOFENOMENOLOGIA : PISTAS PARA A RELAÇÃO ENTRE CRISE CLIMÁTICA E PRESENÇA**

Para Heidegger (2011), a realização de uma ontologia, envolve necessariamente o existencial ser-com, ou seja, a relação da presença humana com os entes, representados pela natureza, nós mesmos, e a totalidade dos fenômenos da experiência vivida. Pela própria condição humana ser marcada pelo cuidado de Ser, a fenomenologia

hermenêutica realiza a compreensão do sentido de Ser “que determina o ente como ente, o em vista de que o ente já está sempre sendo compreendido, em qualquer discussão. O ser dos entes não ‘é’ em si mesmo um outro ente” (Heidegger, 2011, p. 41). Para uma ecofenomenologia, nos importa pensar o caráter relacional de Ser: “é a partir das relações que o homem e as coisas se definem” (Heidegger, 2011, p. 19). E é justamente o caráter relacional que a presença humana tem em seu habitar que demonstra a sua participação no acontecimento de Ser, se relacionando consigo e com os demais entes.

Essa forma específica de habitar a terra, funda a humanidade em um papel ético de cuidado, como afirma Heidegger (2015), envolve o acontecimento da presença humana no sentido fundamental de “tornar-se fundador e o guardião da verdade do Ser, ser o aí como o fundamento usado pela própria essência do Ser: o cuidado, não como pequena preocupação em torno de algo qualquer e não como denegação do júbilo e da força, mas mais originário do que tudo isso, porque unicamente ‘em virtude do Ser’, não do Ser do homem, mas do Ser do ente na totalidade” (p. 31).

Segundo Mattar (2022), esse caráter relacional de Ser, investigado através de um método ecofenomenológico e de traço decolonial, envolve necessariamente um processo de “desobediência aos processos de domesticação e subalternização necropolítica. É desnaturalização de sentidos previamente dados que cristalizam relações que beneficiam alguns/mas em detrimento de tantas/os outras/os. É interseccionalidade na apreensão, do sofrimento” (p. 19) e dos fenômenos em geral. Essa complexa tecitura descritivo-fenomenológica é imprescindível para a execução de um diagnóstico dos nexos vitais em jogo na relação entre crise climática e abandono do Ser experienciado enquanto situação-limite da presença humana coletiva, a partir do modo relacional específico que nos encontramos.

Essa forma habitacional, para Heidegger, se circunscreve ontologicamente em nosso tempo enquanto técnica, não por seu caráter tecnológico, mas sim pela exploração da natureza (Heidegger, 2012).

A leitura do fenômeno da crise climática, a partir dos saberes dos Povos Originários da Terra, nos revela a conexão entre esta situação-limite coletiva e o modo como a presença humana coletiva está sendo-a-Terra. Sendo que, para Heidegger, Ser se realiza acontecendo de forma apropriadora na presença humana, em duplo aspecto “a do ser que usa ou se serve do homem, apropriando-se dele para ‘aí’ aparecer; e a do homem,

que nesse serviço prestado ao ser, exerce sua essência própria como presença, sendo o ‘aí do ser’” (Borges-Duarte, 2012, p. XII). Para a realização de uma leitura ecofenomenológica da crise climática, é imprescindível levarmos em conta o caráter essencial da presença enquanto cuidado de Ser, ou seja, de sua participação relacional em como Ser acontece.

Esse enfoque ontológico tem por princípio fazer-ver as condições de possibilidades históricas que tornam possíveis nossa crise ecológica, e fundamentar como pode ser construída uma compreensão ecofenomenológica dos processos de adoecimento e cura, pertinentes para as atuações na área da saúde e em especial da psicologia que tenha por fundamento o pensamento heideggeriano, como a *daseins*análise.

Este exercício fenomenológico e hermenêutico também se configura enquanto uma ecofenomenologia, por ser uma descrição de como a presença humana participa historicamente do modo de Ser (Sein) da natureza (Φύσις).

As descrições realizadas por Heidegger, principalmente em sua obra “Contribuições à Filosofia: do Acontecimento Apropriador” (2015), acerca do abandono do Ser enquanto medida epocal, nos permite fazer-ver as fundações ontológico-relacionais em jogo na crise climática que vivenciamos na Terra, bem como uma possível inter-relação dos processos de adoecimento e cura do corpo coletivo humano da Terra com o próprio processo de saúde da Terra.

Compreendendo que a crise climática possui como nexos vitais o abandono do Ser, a crise não é um simples acaso do processo de desenvolvimento civilizatório, mas justamente a consumação desse específico modo de desvelamento (ἀλήθεια) de Ser, legado pela tradição ocidental. Para Heidegger, este é um traço indelével do que se descreve enquanto Civilização, pois:

Costuma-se denominar a era da ‘civilização’ aquela era do desencantamento, e esse parece, antes, andar junto somente com a completa ausência de questão. Contudo, é o contrário o que se dá. Não é preciso senão [...] que se saiba de onde vem o encantamento. Resposta: do domínio ilimitado da maquinação. Se a maquinação chegar à dominação final, se ela entremear tudo, então não haverá mais condições para notar ainda expressamente o encantamento e opor-se a ele. O enfeitiçamento por meio da técnica e de seus progressos que se ultrapassam constantemente é apenas um sinal desse encantamento, em consequência do qual tudo é impelido para o cálculo, utilização, cultivo, maneabilidade e regulação (Heidegger, 2015, p. 135).



A partir do nexos vital histórico do abandono do Ser, também se pode questionar os processos de adoecimento e respectivas possibilidades de cura, legados a partir da tradição na qual estamos inseridos, abrindo caminho para uma compreensão mais ampla sobre como esses processos se conectam, tomando como exemplo a inter-relação entre a maquinação (Machenschaft) técnica, que tudo reduz a meros recursos manipuláveis e controláveis, e a produção “acelerada” de estados de presença ansiosos, ou mesmo a própria leitura da depressão enquanto fenômeno epocal (Mattar, 2020).

A hermenêutica ontológica heideggeriana da tradição, como uma tentativa de se compreender e reinterpretar criticamente a história da filosofia ocidental para recuperar a questão do Ser, indica a consumação da metafísica técnica ocidental enquanto abandono do Ser, por se tratar de um processo de esquecimento da própria participação compreensiva da presença humana no acontecimento de Ser, sendo este fundamento histórico propagado através da colonização e da globalização.

Para se pensar uma *daseins* análise articulada com as noções ecofenomenológicas, visando acessar um outro nível de entendimento dos processos de adoecimento e cura, possibilitando assim sair de uma lógica individualizante e abrindo um campo de compreensão holístico destes processos, é necessário também compreendermos o abandono do Ser a nível da experiência vivida da presença humana enquanto um corpo coletivo. Desta forma, entende-se a humanidade como o campo coletivo e consciente de Ser, pela própria natureza humana participar do acontecimento de Ser, conseqüentemente os seus modos de presença também impactam holisticamente nos processos de saúde do todo ao qual fazemos parte (e chamemos isso de natureza ou Terra). A forma como o estado coletivo humano habita a Terra, configura as possibilidades de Ser não somente do ente humano, mas do Ser na totalidade.

Esse desenvolvimento eclíptico faz com que o próprio acontecimento apropriador (Ereignis) seja obstruído, a partir da decomposição da verdade (ἀλήθεια), ou seja, o sentido existencial de cuidado de Ser que caracteriza essencialmente a condição da presença humana é sumariamente esquecido, abandonando assim o sentido de Ser para a maquinação técnica. Nesse sentido se dá a inter-relação entre acontecimento apropriador com a presença humana, em seu caráter de cuidado e verdade.

Segundo Heidegger (2015), a consumação do abandono do Ser carrega através da presença humana um lastro de desertificação da vida na terra e um estágio de

inconsciência coletiva da presença, em que a mesma, sendo enfeitiçada pela maquinação técnica, paulatinamente perde a força meditativa necessária para resistir à entificação do Ser. Esse processo histórico tem em sua origem as próprias bases do que compreendemos medianamente como Ocidente, e como consequência, a este processo de abandono, temos como traços fundamentais:

[...] abandono do Ser como decadência do Ocidente; a fuga dos deuses; a morte do Deus moral cristão [...] o desenraizamento, porém, como o mais profundo velamento da indigência, a falta de força para meditação, a impotência da verdade; o pro-gresso em direção ao não ente como abandono crescente do Ser. [...] O abandono do Ser, aproximado por meio de uma meditação sobre a desertificação do mundo e sobre a destruição da terra no sentido da rapidez, do cálculo, da pretensão do massificado (Heidegger, 2015, p. 130).

A decomposição da verdade que conduz o abandono do Ser, se trata de uma proibição do acontecimento apropriador, onde a presença humana apreende apenas o ente em suas relações, sendo enganada a acreditar que está em contato com o Ser. Segundo o filósofo alemão:

Ao abandono do Ser pertence o esquecimento do ser e, do mesmo modo, a decomposição da verdade. [...] A ressonância da verdade do Ser e de sua essenciação mesma a partir da indigência do esquecimento do ser[...]. O esquecimento do ser [...] pensa estar junto ao ‘ente’, junto ao ‘efetivamente real’, próximo da ‘vida’ e seguro do ‘vivenciar’. Pois ele conhece apenas o ente. Todavia, desse modo, em tal apresentação do ente, esse ente é abandonado pelo Ser. O abandono do ser, porém, é o fundamento do esquecimento do ser. No entanto, o abandono do ser do ente traz para o ente a aparência de que esse ente mesmo seria, então, sem qualquer necessidade de um outro, apto para ser pego e utilizado. O abandono do Ser, contudo, é o ser exposto e a proibição do acontecimento apropriador (Heidegger, 2015, p. 125).

Dessa forma, a presença humana civilizada não se vê como parte constituinte e compreensiva do acontecimento de Ser da natureza, revelando assim, como fundamento ontológico das mudanças climáticas, uma crise ética que conduz a uma crise ecológico-ambiental, onde a consumação do abandono do Ser é identificada no modo como a presença humana habita o planeta e relacionalmente faz parte da natureza, gerando e intensificando as mudanças climáticas que vivenciamos desde o processo de industrialização.

Pensar a articulação do fenômeno do abandono do Ser com os processos de saúde e doença, envolve a compreensão da crise climática enquanto um sintoma coletivo e histórico da presença humana em relação com a natureza.

Para Heidegger (2015), precisamos buscar fora da ciência técnica o sentido de nossa presença coletiva em relação com os outros entes para fundar um outro início frente ao abandono do Ser, tendo em vista que esta relação puramente técnica pode levar à destruição da vida:

Pode haver 'biologia', enquanto faltar a ligação fundamental com o vivente, enquanto o vivente não tiver se transformado na outra ressonância da Presença? Mas, afinal, precisa haver 'biologia' lá onde ela só deriva o seu direito e a sua necessidade do domínio da ciência no interior da maquinação moderna? Toda biologia não destruirá necessariamente o 'vivente' e impedirá a relação fundamental com ele? A ligação com o 'vivente' não precisa ser buscada completamente fora da 'ciência'? E em que espaço deve se manter essa ligação? O 'vivente', tanto quanto tudo aquilo que é capaz de se tornar objeto, oferecerá ao progresso da ciência possibilidades infinitas e se subtrairá cada vez mais ao mesmo tempo, quanto mais desprovida de fundamento a ciência mesma se tornar (Ibid., p. 280).

A presente crítica, que Heidegger instaura frente a biologia, se estende a todas as outras ciências ônticas, como a Psicologia e a Ecologia, tendo em vista que a busca de fundamento dessas ciências cada vez mais são marcadas por um ancoramento no cálculo e na matematização de seus componentes, em detrimento de uma reflexão fundamental sobre o sentido que sustenta os modos de ser específicos desses saberes científicos. Dessa forma, a técnica ao mesmo tempo que se instaura como norma para os entendimentos humanos acerca da humanidade, poliniza inconscientemente o abandono do Ser.

A realização da técnica através da presença humana, segundo Heidegger (2015), consome o abandono do Ser no sentido da destruição crescente da natureza e o esquecimento da possibilidade de vínculo harmonioso e sagrado com o ambiente do qual somos parcela constituinte e constitutiva:

A natureza, extraída do ente pela ciência da natureza, o que acontece com ela por meio da técnica? A destruição crescente da 'natureza', ou melhor, que se desenrola simplesmente em direção ao seu fim. O que ela era outrora? O sítio do instante da chegada e da estada dos deuses, quando ela, ainda physis, se baseava na essenciação do Ser. Desde então, ela logo se tornou um ente, e então, até mesmo o contraponto da 'graça' e, segundo essa degradação, ela é completamente exposta à imposição radical da maquinação calculadora e da economia. [...] Por

que se silencia a terra junto a essa destruição? Porque não lhe é concedida a contenda com um mundo, porque não lhe é concedida a verdade do Ser. Por que não? Por que a coisa gigantesca homem é tanto mais gigantesca quanto menor ela é?! É preciso abandonar a natureza e entregá-la à maquinação? Conseguimos ainda buscar de maneira nova a terra? Quem é capaz de atizar aquela contenda, na qual ela encontra seu aberto, na qual ela se cerra e é terra? (Ibid., p. 282).

Assim, pode-se compreender a crise climática enquanto situação-limite do corpo coletivo, ou seja, como ponto extremo onde a finitude da existência se mostra de tal forma que impulsiona a presença humana a confrontar aspectos fundamentais que apelam à consciência da totalidade da vida que transcende a sua existência individual, refletindo assim o chamado para uma vida mais integrada e respeitosa com o ecossistema que nos abriga.

Porém, há de se considerar que, ao mesmo tempo que esta situação faz com que a presença se aproxime à consciência de uma totalidade da vida que transcende a sua existência individual, a experiência do Ser deturpada pelos modos inautênticos de ser-no-mundo, partindo do entendimento de que somos originariamente lançados num mundo já normalizado e normatizado pelos fenômenos técnicos contemporâneos, representa de acordo com Heidegger (2012) uma contaminação ontológica da existência, o que nos posiciona já de início afastados de uma visão de mundo mais autêntica, tornando ainda mais difícil a tarefa de alcançar uma vida mais integrada e respeitosa com o ecossistema que nos abriga.

A caracterização desse cenário nos permite compreender que de fato nos encontramos em tal situação-limite, e nesse caso, diante desse ponto crítico de potencial mudança, talvez a resposta à grande questão contemporânea de como se viver em harmonia com o ambiente que nos abriga já esteja ao nosso alcance, a partir dos saberes dos Povos Originários da Terra, que muito antes da pós-modernidade, já habitavam harmoniosamente o nosso ecossistema.

Visamos então, por meio deste artigo, contribuir para que o problema da crise climática tenha cada vez mais evidência, semeando esta mensagem para chacoalhar as visões de mundo cristalizadas por uma civilização que tem se mostrado incapaz de lidar com os desafios que se apresentam, salientando a importância da Ecofenomenologia, como nova perspectiva integrativa de compreensão da relação primordial e vital entre presença e natureza.

### 3 POVOS ORIGINÁRIOS DA TERRA: MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA E A VIDA OPERADA POR DESIGUALDADES

Ao longo da história, os humanos, aliás, esse clube exclusivo da humanidade — que está na declaração universal dos direitos humanos e nos protocolos das instituições —, foram devastando tudo ao seu redor. É como se tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são a sub-humanidade. Não são só os caiçaras, quilombolas e povos indígenas, mas toda vida que deliberadamente largamos à margem do caminho (Krenak, 2020, p. 10).

Esta fala do líder indígena Ailton Krenak apresenta o cenário global atual no qual uma pequena parcela da humanidade, pré-selecionada para uma ilusória prosperidade, é mantida às custas de todo e qualquer recurso que possa ser imediatamente manufaturado e consumido em prol de objetivos escusos que talvez sequer sejam abertamente conhecidos e/ou compreendidos pelos próprios membros desse seletivo grupo dos que progridem sobre os demais entes.

Pois o que de fato se observa nas sociedades pós-modernas, fundadas no abandono do Ser e na exploração técnica, divididas entre vencedores e perdedores, é o “cada um por si e Deus por todos”, conforme expressão popular que representa o egoísmo nosso de cada dia, o modo de ser-no-mundo técnico por meio de fundamentos morais tecnicamente distorcidos, enfeitados para o ganho e acumulação máxima de recursos, a qualquer custo.

Observa-se assim que esse modo particular de agir no mundo, a partir de uma perspectiva de que há um consumidor de um lado e um provedor do outro, representa uma visão equivocada e desintegrada acerca do funcionamento de todo e qualquer sistema, e neste caso o maior sistema que existe, ou seja, o planeta como um todo. Pois a subsistência de qualquer sistema depende da entrada ou renovação de recursos, que o mantenham funcionando, e o extrativismo inconsequente, a partir da premissa de que os recursos são infinitos, abre somente uma possibilidade, a de um inevitável colapso.

E um grande problema é que sim, a mensagem está aí, amplamente divulgada para todos, há uma crise climática (ONU, 2023) e estamos todos sofrendo, muitos de uma forma mais direta, mas o pensamento imediatista que guia as nossas ações nos faz pensar somente no hoje, e os problemas do amanhã são para depois, talvez algo para a nova safra de governantes ter de lidar, a qual, muito provavelmente terá o mesmo pensamento e falta

de atitudes da atual, e assim usamos a premissa da “crise do amanhã” para manter este sistema funcionando.

Porém, estamos todos no mesmo barco, o que afeta um se reflete a todos os demais. Mas infelizmente, assim como não há uma justiça perante o modo de agir dos inconsequentes, também não há justiça na punição ou impacto proveniente dos danos causados pelo colapso do ecossistema global. Todos são impactados, inclusive e majoritariamente os menos favorecidos pelas dinâmicas destruidoras de mundo.

Na mesma linha de análise, o relatório da ONU (2023) informa que o número de afetados por desastres ambientais aumentou 80% nos últimos oito anos, o que nos mostra que não há mais fronteiras para as catástrofes ambientais, sendo necessária a adoção de uma nova perspectiva, para além dos desastres naturais, onde “é preciso ter uma visão mais holística e integrada de risco, levando em consideração também fatores econômicos e sociais” (Ibid.).

Mas como adotar uma visão holística e integrada acerca dos modos de habitar a Terra quando se vive numa sociedade impregnada por desigualdades?

Os marcadores sociais da diferença, como gênero, sexualidade, classe social, raça, etnia, dentre outros, são categorias socialmente construídas que nos permitem organizar a experiência dos indivíduos a partir de determinados aspectos de diferenciação (Zamboni, 2014), mas quando as diferenças se transformam em desigualdades, decorrentes de dinâmicas discursivas que as normalizam e reforçam as estruturas de dominação vigentes, o que se vê é uma delimitação nas possibilidades de existência para os que desafortunadamente se encontram nas categorias menos favorecidas.

Portanto, considerando que os marcadores sociais nunca aparecem de forma isolada, mas sempre articulados nas experiências individuais (Ibid.), é fundamental adotar um olhar a partir de como as relações interseccionais de poder afetam as diversas formas de se habitar o mundo.

[...] a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Hill Collins & Bilge, 2020, p. 17).

Assim, o uso da interseccionalidade no estudo dos povos indígenas permite não somente uma análise mais ampla acerca das opressões que esses povos enfrentam, destacando como diferentes sistemas de desigualdade se interligam, criando experiências únicas de marginalização, mas também compreender como identidades, experiências e modos de vida indígenas são moldados pela interação entre fatores sociais, culturais, políticos e econômicos, apontando caminhos para a compreensão de formas mais harmoniosas de habitação e relacionamento com a natureza, a partir do exemplo de seus reconhecidos guardiões.

Em consonância, Bateson (2000) aponta que há um grande equívoco na forma como a civilização compreende e atua perante a natureza, de um modo tão dessincronizado com os sistemas naturais que possibilitam a estabilidade deste ecossistema, fazendo com que essa interação esteja fadada ao fracasso. Sendo necessário então melhor compreender o funcionamento da natureza sistêmica do mundo, da qual somos parte, e sermos suficientemente flexíveis para nos adaptarmos a uma relação pessoa-ambiente mais equilibrada e harmoniosa.

A visão de mundo dos Povos Originários compreende que a integração com o todo que nos envolve é inerente à vida, e essa percepção faz com que atitudes direcionadas a uma individuação, como acumulação de bens, dominação sobre os outros, não tenham qualquer sentido. Essa necessidade de modificação sobre o que é naturalmente belo e harmoniosamente funcional, simplesmente não existe. Mas para isso é preciso haver uma cultura espiritualizada, que possibilite esse outro viver, em “constante diálogo com a fonte da criação” (Krenak, 2020, p.37).

Sobre a importância da dimensão espiritual na visão de mundo de um povo, para pensarmos a saúde em meio à crise climática, Bassani (2020, p. 103), ao analisar o relatório da Avaliação Ecosistêmica do Milênio, elaborada pela Organização das Nações Unidas (ONU), aponta que:

Um olhar mais curioso sobre os resultados da Avaliação levou-me aos seguintes dados que podem contribuir sobremaneira para uma análise mais detalhada sobre relações entre *espiritualidade* e *meio ambiente*. Foi observado que em áreas onde ocorreu redução da espiritualidade, houve aumento correlato de devastação e degradação ambiental. Isto significa que: *quanto menor a espiritualidade dos habitantes da região, maiores os níveis de degradação ambiental registrado.*

Nesse aspecto, Heidegger nos aponta que filosofia e visão de mundo se co-pertencem, no sentido de que “a filosofia de um povo é aquilo que torna povo o povo de uma filosofia, que funda o povo historicamente em sua presença e determina para a guarda da verdade do Ser” (Heidegger, 2015, p. 57). Quando nomeamos um povo de Originário da Terra, para o presente trabalho tem-se subentendido de que é uma descrição valorativa, de um modo específico de presença, que em seu modo de Ser possui um sentido específico que funda (Grund) sua presença de um modo relacional específico com a Terra, a saber, do qual adquire seu sentido essencial. Desse modo, também não está ancorada no saber técnico exploratório e por isso mesmo não propaga o abandono do Ser. Também a partir dessa citação, compreendemos que a filosofia metafísica técnica funda um povo historicamente específico que se propagou como norma na Terra, ancorada em um paradigma exploratório, a civilização em modo de Ser coletivo está fundada na exploração como medida relacional. A nível ontológico, essa constatação configura a urgência da realização de uma ecofenomenologia decolonial para combater esse estado crítico de inconsciência coletiva que fundamenta as condições de possibilidade da crise climática que atravessamos.

Portanto, o caminho de um falso desenvolvimento e progresso em direção a um retrocesso, de rompimento com a integração harmoniosa entre as partes e o todo, conduz somente a uma separação e artificialização da vida, cada vez mais instrumentalizada e amparada em tecnologias que servem para um único propósito, tornar as coisas mais eficientes, produtivas, automatizadas, robotizadas. Perde-se então a essência do que é ser-humano, pois eficiência é uma qualidade das máquinas, que diferentemente dos seres-humanos são criadas para esse propósito, para serem úteis. E assim nos distanciamos cada vez mais do estado de presença originária e decaímos num mundo esvaziado de significados (Heidegger, 2015).

Estamos viciados em modernidade. A maior parte das invenções é uma tentativa de nós, humanos, nos projetarmos em matéria para além de nossos corpos. Isso nos dá sensação de poder, de permanência, a ilusão de que vamos continuar existindo (Krenak, 2020, p. 17).

E esse cenário representa a direção que tomamos quando buscamos a dissociação do todo, por meio da individuação, seja pelo acúmulo de bens materiais ou imateriais, esse vazio que se sente a partir da perspectiva da desconexão nunca será preenchido, pois essa compreensão se fundamenta numa incompreensão sobre a interrelação e



interdependência entre as coisas e seres do planeta. A parte e o todo estão intrinsecamente conectados, um não existe e subsiste sem o outro e, portanto, se detenho algum nível de poder, isso significa que há uma outra parte proporcionalmente destituída de tal poder.

A sabedoria dos Povos Originários então, ao propagar o ensinamento de que não há uma utilidade para a vida, indica então um modo de escapar dessa armadilha, possibilitando uma real libertação desse utilitarismo, pois “viver a experiência de fruir a vida de verdade deveria ser a maravilha da existência” (Krenak, 2020, p.110).

#### **4 O HABITAR EM HARMONIA COM O BEM-COMUM: DESEJO, NECESSIDADE E VONTADE**

Bebida é água  
Comida é pasto  
Você tem sede de quê?  
Você tem fome de quê?  
[...]  
Desejo, necessidade, vontade  
Necessidade, desejo, é  
Necessidade, vontade, é  
Necessidade (Antunes; Fromer; Brito, 1987)

A música Comida, da banda Titãs, de certa forma se mantém atual em toda e qualquer reflexão acerca dos desequilíbrios nos modos de vida com a natureza. Especificamente no contexto da presente articulação, traz a questão do desejo, termo que, de acordo com a frase na qual se insere pode indicar diferentes significados, mas que podemos compreender como um anseio ou carência por algo.

E assim a letra desta música exalta um não querer e um querer, um desejo, uma necessidade e uma vontade que nos impele para uma possível ruptura e/ou libertação desta normalidade normativa para a qual somos primariamente lançados ao nos tornarmos presença neste mundo. Porém, esse mesmo desejo, quando fundamentado numa ética distorcida, manipula as nossas vontades e falsifica as nossas reais necessidades.

Bom, basta olharmos, apenas de vislumbre, pela janela de nossas casas “caixas de concreto” para percebermos que esse mesmo desejo, massificado pela sociedade pós-moderna é do tipo que nunca será saciado, do tipo predatório. Um desejo infinito perante uma natureza finita.

A paisagem urbana, exemplo explícito dessa mesma distorção compreensiva acerca de nossa relação com a natureza, refletida no ambiente comum, é um show de dessensibilização para os nossos cinco sentidos.

Envoltos num emaranhado de metal, vidro e concreto sobrepostos, a visão torna-se turva enquanto se caminha pela dureza e aspereza do concreto, respirando um ar sempre poluído, integrado a uma mistura de sons dissonantes provenientes do incessante ruído da cidade. E o paladar, este último devidamente estimulado por alimentos ultraprocessados, que nada alimentam ou sustentam. Enfim, tudo perfeitamente artificial e dessincronizado com a vida.

E do pequeno bloco de concreto de nossas residências para o grande bloco de concreto da cidade, do espaço pessoal para o público, somos lançados num ambiente antinatural, projetado para a aceleração constante. Mais uma bateria a ser consumida, para manter essa grande máquina funcionando.

Não há descanso. Nem do corpo, sempre em movimento, e tampouco da mente, sempre conectada ao incessante fluxo de informações provenientes do mundo moderno. E assim degradamos esse ambiente ao mesmo tempo em que somos paulatinamente degradados por ele.

Obviamente isso não se generaliza, porém não tão obviamente é pensarmos que não importa quão extravagante e tecnológica seja a arquitetura construída pelo humano, nunca será algo natural, nunca terá o alinhamento perfeito da simplicidade com a beleza daquilo que organicamente evoluiu e prosperou por milhares de anos.

E o que deseja um indígena? Seguramente não o mesmo desejo de um humano tecnicamente moldado para o modo de vida utilitarista da sociedade contemporânea.

De acordo com Krenak (2020, p.109), a vida não precisa ser uma coisa útil, mas sim algo a ser radical e profundamente experienciado, sem qualquer pretensão de deixar marcas, como construir coisas, acumular bens materiais, deixar um legado ou realizar algo extraordinário no sentido de buscar eternizar o seu nome, pois o fato de estar vivo já é suficiente. A simples transcendência fundamentada no sentimento de integração com a natureza basta, não há necessidade alguma de ir além disso.

Através dos aparatos tecnológicos do cotidiano vivemos uma vida intermediada, sendo que o contato direto, assim como demonstrado pelos modos de vida dos Povos

Originários, está sempre ao nosso alcance. Mas mantemo-nos imóveis, entorpecidos pelos automatismos que ocultam essa outra possível realidade.

O estilo de vida dos Povos Originários revela um modo de combate frente à crise climática. E isso que podemos compreender enquanto estilo de vida, ou seja, "como organizamos o nosso cotidiano, ações, valores e perspectivas de futuro" (Bassani, 2023, p.30), está pautado ontologicamente enquanto ética de cuidado do Ser de determinada comunidade. Se a civilização expressa o valor da exploração da natureza, os Povos Originários expressam uma ética respeitosa com todas as formas de seres. Há um desrespeito vital por base na crise climática, que não pode ser combatido expressamente justamente por ser fundado (Grund) em um estado inconsciente da presença humana coletiva.

Nós estamos, em nossa relação com a vida, como um peixinho num imenso oceano, em maravilhosa fruição. Nunca vai ocorrer a um peixinho que o oceano tem que ser útil, o oceano é a vida. Mas nós somos o tempo inteiro cobrados a fazer coisas úteis (Krenak, 2020, p. 109).

A sabedoria dos Povos Originários da Terra fundamenta uma ética a partir do Ser, e não do ter, o que funda uma medida habitacional e relacional da presença humana sendo-a-Terra.

Talvez esse mesmo desejo que nos põe em rota ao consumo desenfreado de tudo e de todos possa agora, no atual contexto da crise climática, balizar essa rota autodestrutiva para uma reintegração com o que deveria, desde sempre, guiar o modo de vida do organismo humano, que é o viver em harmonia com o todo, com o bem-comum.

E o caminho de uma reintegração, traçado por Heidegger (2012), seria o de habitar poeticamente a Terra, em que propõe uma forma de viver em harmonia com a essência do Ser e com o ambiente natural, onde a poesia fundamenta o habitar, referindo-se a uma forma de ser-no-mundo que valoriza a contemplação, a reverência e a abertura para a essência das coisas. Habitar poeticamente pressupõe dessa forma um reconhecer a Terra como espaço sagrado, onde a existência humana se entrelaça com os ritmos e limites da natureza, não se configurando apenas como um recurso meramente instrumental.

Frente à crise climática, tal proposta desafia o antropocentrismo e a tecnocracia que vem conduzindo a uma exploração desenfreada do planeta. Habitar poeticamente implica então numa reavaliação das práticas humanas em direção à sustentabilidade e ao

cuidado ambiental, promovendo uma relação de reverência e responsabilidade ética com a Terra como condição primordial para a sobrevivência da atual e futuras gerações.

Assim, Heidegger nos convoca a repensar nossa relação com o meio ambiente, superando o utilitarismo e abordando as urgências atuais com sensibilidade poética e compromisso ético, realçando o habitar como traço essencial do Ser, tendo-se como traço fundamental do habitar, o resguardar, o qual “acontece quando deixamos alguma coisa entregue de antemão ao seu vigor de essência, quando devolvemos, de maneira própria, alguma coisa ao abrigo de sua essência” (Heidegger, 2012, p. 129).

## **5 SEMEANDO CAMINHOS**

Por quanto mais tempo precisaremos viver neste modelo extrativista consumidor de mundo e de pessoas? Por quanto mais tempo o planeta e a sociedade aguentarão suas implacáveis consequências, que se refletem nas inúmeras crises individuais, relacionais e climáticas que nos atingem a todo o momento?

Para Bateson (2000, p.476), os principais momentos na história acontecem quando há uma mudança de atitude, onde antigos valores e crenças são abruptamente ressignificados e novos vieses e padrões de comportamento são adotados, pois, este tipo de alteração impacta diretamente na atual dinâmica do sistema como um todo.

E particularmente acerca desta interface relacional, Bateson (2000, p. 461) elabora que usualmente pensamos o mundo físico como uma entidade separada do mundo mental, o externo separado do interno, quando na verdade um está contido no outro, e por esta razão é preciso haver uma reestruturação de nosso atual modo de pensar e relacionar, o que não é algo tão simples pois isso também implica uma nova forma de perceber o mundo, nas ações cotidianas mais simples, como ao tomar um copo de água e ter a clara consciência de todo o complexo sistema conectado à esta ação.

Assim, a adoção de uma nova perspectiva em relação aos modos de ser e agir no mundo carece de um engajamento coletivo que permita a ocorrência de uma real transformação de aspectos culturais fortemente arraigados em cada contexto político-geográfico que fundamentam os modos particulares de interação com o meio.

E aqui fica o convite, de se tomar como exemplo o saber dos Povos Originários, que habitam esse ecossistema de forma harmoniosa há muito mais tempo que a sociedade

pós-moderna, e que veem arduamente resistindo e mantendo seus costumes, tradições e sua cultura frente às adversidades impostas pelo modo de vida capitalista.

E se há alguma dúvida quanto às palavras, basta visualizar a notável diferença entre a composição de uma aldeia indígena, com suas habitações comunitárias e sustentáveis, e um condomínio de edifícios no meio da cidade grande, um bloco de concreto, por todos os lados cercado por vidro, metal e mais concreto.

Falar sobre os caminhos possíveis não é tarefa das mais simples, porém Krenak (2023, p. 69) salienta que a diferença se faz quando se abandona uma posição de pretensa neutralidade perante os danos colaterais que impactam a todos, e se reconhece que as possibilidades de mudança não acontecem a partir do isolamento, mas do envolvimento e enfrentamento. E ainda mais importante, que essa mudança deve ser primeiramente interna, de uma consciência que busque uma reintegração através da transcendência, corrigindo essa distorção da percepção da realidade acerca de nosso bem comum.

Assim como a geração dos problemas globais que enfrentamos decorreram de uma acumulação de comportamentos individuais, a solução para qualquer tipo de mudança também depende destes mesmos comportamentos individuais. Compreende-se então que seguir o caminho contrário envolve uma transição de um longo processo de dessensibilização para uma sensibilização culturalmente ensinada e organicamente incorporada no processo de formação que temos como seres-humanos.

E assim como ser presença não é opcional, mas sim condição inerente à existência, sofrer os impactos da crise climática e ter de se envolver na busca de soluções para ela, também não o são. Portanto, decidir habitar em virtude do cuidado de Ser reorienta a compreensão dos processos de adoecimento, e acreditamos que essa seja a chave que reside no estilo de vida dos Povos Originários da Terra que cura o abandono do Ser da presença humana técnica e exploradora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BRITO, Sergio. Comida. Intérprete: Titãs. In: Titãs. Jesus não tem dentes no país dos banguelas. Rio de Janeiro: WEA, 1987.

BASSANI, Marlise A. Espiritualidade e meio-ambiente: apontamentos de uma psicóloga ambiental. In: BASSANI, Marlise A. (Org.) Diálogos entre Psicologia, Espiritualidade e Meio Ambiente: O sagrado em perspectiva. São Paulo: EDUC, 2020.

- BASSANI, Marlise A. Natureza no estilo de vida: perspectivas da Psicologia Ambiental para as práticas clínicas contemporâneas. In: BASSANI, Marlise A. (Org.) *Clínica Psicológica Contemporânea: A Natureza em Perspectiva*. São Paulo: EDUC, 2023.
- BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind: Collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology*. Chicago: University of Chicago press, 2000.
- BORGES-DUARTE, Irene. Prólogo à Edição Portuguesa. In: HEIDEGGER, Martin. *Caminhos de Floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.
- BROWN, Charles S., & TOADVINE, Ted. *Eco-Phenomenology: Back to the Earth Itself*. New York: State University of New York Press, 2003.
- CASTRO, Eduardo. O Recado da Mata. In: KOPENAWA, Davi. & ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- CLABORN, John. Toward an Eco-ontology: A Response to Greg Garrard's "Heidegger Nazism Ecocriticism". *ISLE: Interdisciplinary Studies in Literature and Environment*, Volume 19, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/isle/isr087>. Acesso em: 01/12/2024.
- HEIDEGGER, Martin. *Contribuições à Filosofia: do Acontecimento Apropriador*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. 8. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Metafísica*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- HILL COLLINS, Patricia & BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- IPCC - Intergovernmental Panel on Climate Change. (2021). *Climate Change 2021: The Physical Science Basis*. Cambridge University Press. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/>. Acesso em: 01/12/2024.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. *Um rio um pássaro*. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2023.
- KOPENAWA, Davi. & ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MATTAR, Cristine. *Depressão: doença ou fenômeno epocal?* Rio de Janeiro: Via Verita, 2020.
- MATTAR, Cristine. Apresentação. In: CABRAL, Alexandre. *Ecofenomenologia decolonial: variações fenomenológicas sobre a alteridade*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2022.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, 2008. Disponível em: [https://www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/DRIPS\\_pt.pdf](https://www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/DRIPS_pt.pdf). Acesso em: 01/12/2024.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. ONU: número de afetados por desastres aumentou 80% em oito anos, 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/05/1814597>. Acesso em: 01/04/2024.

RIPPLE, William. J. et al. World Scientists' Warning of a Climate Emergency, *BioScience*, Volume 72, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/biosci/biac083>. Acesso em: 01/04/2024.

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. *A Perplexidade da Presença*. In: HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

ZAMBONI, Marcio. Marcadores sociais da diferença. *Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades)*, v. 1, p. 14-18, 2014. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509716/mod\\_resource/content/0/ZAMBONI\\_MarcadoresSociais.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509716/mod_resource/content/0/ZAMBONI_MarcadoresSociais.pdf). Acesso em: 01/12/2024.

---

Recebido em: 17/01/2025 | Aprovado em: 25/05/2025